

PROFESSORES E ALUNOS DA
FACULDADE DE ARTES DULCI-
NA DE MORAES E DO INSTITU-
TO DE ARTES DA UNB FAZEM
DAS TRIPAS ORAÇÃO POR UM
ENSINO DE ARTE COMPATÍVEL
COM O HOMEM. SÃO OS HE-
RÓIS DA RESISTÊNCIA CULTU-
RAL EM BRASÍLIA

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Que instituição prepara os melhores professores de Educação Artística da cidade? E os melhores atores? Há mercado de trabalho para as dezenas de alunos da área diplomados a cada ano? Que interferência têm, na cidade, os cursos de Artes Cênicas oferecidos pela UnB (Universidade de Brasília) e pela FBT (Faculdade Brasileira de Teatro)?

Para responder a estas perguntas, ninguém melhor que o ator, diretor e professor João Antônio Esteves, 46 anos, fundador da Escola de Artes Cênicas do Instituto de Artes da UnB, e Maria de Fátima Santos de Deus, 38 anos, diretora da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes.

João Antônio acredita que "a UnB forma os melhores profissionais das Artes Cênicas da cidade", já que "os primeiros lugares do cobiceado concurso para professor de Educação Artística da FEDF (Fundação Educacional do DF) são conquistados por alunos licenciados pela instituição". O professor e ator, porém, não deixa de invejar "o magnífico Teatro Dulcina, um dos melhores teatros escolares do mundo". E testemunha: "Quando iniciamos os estudos arquitetônicos da nova sede do Instituto de Artes da UnB, visitamos teatros em escolas norte-americanas e européias. E confesso não ter visto nenhum com as qualidades do Dulcina".

Além do privilégio de contar com um teatro de primeira linha, a FBT (conhecida como Escola Dulcina) goza de outra regalia: sua sede está plantada no coração da cidade, em pleno Setor de Diversões Sul. "Temos a alegria", diz Fátima de Deus, "de conviver com excelentes livrarias, cinemas, boates gays, sedes de partidos políticos, e até com a mendicância de adultos pobres e meninos de rua. Por isto, nossos alunos têm no conjunto arquitetônico que os abriga uma síntese perfeita de Brasília".

Fátima, aliás, tem todas as condições para comparar a Escola de Artes Cênicas da UnB e a da FBT. Afinal, formou-se na primeira e hoje dirige a segunda. Diplomática, ela pondera: "O corpo de professores da UnB inclui mais *doctors* que o nosso. Aqui somos 32 professores, sendo que só um tem título de *doctor* e seis de *mestre*. Mesmo assim, nos orgulhamos de contar com profissionais da linha de frente da produção teatral brasiliense, como Murilo Eckart, Dimer Monteiro e Francisco Rocha, o premiado diretor de *Bella Ciao* (em parceria com Manguiera Diniz)".

Para puxar a brasa para sua sardinha, Fátima lembra que "por não ser uma entidade estatal, a FBT desfruta de rara agilidade". Aqui — assegura — "temos mais liberdade e menos burocracia para acertar e até errar". E, orgulhosa, não nega "o privilégio



O diretor e ator de teatro Hugo Rodas é um dos artistas que fazem a equação sangue, suor e lágrimas nos palcos da cidade

de contar com um teatro magnífico, localizado no coração da cidade".

Bacharéis — A Escola de Artes Cênicas criada por Dulcina de Moraes vai completar 12 anos no próximo dia 21 de abril. Já diplomou o espantoso número de 1.500 professores, atores, artistas plásticos, músicos e cenógrafos. "Estou realizando uma monografia" — conta Fátima — "como trabalho final de curso de aperfeiçoamento (I Curso de Pós-Graduação em Linguagens Artísticas e Educacionais, *strictu sensu*), que ficará pronta para apresentação pública no próximo dia 22. Neste dia, vou radiografar a FBT, mostrando que somos a escola do Centro-Oeste que mais formou professores de Educação Artística e bacharéis em Artes Cênicas". Mais que "todas as escolas de nível superior públicas e privadas, incluindo a UnB, a UFGO, etc. etc".

Atualmente, a FBT conta com 452 alunos, sendo que metade cursa Artes Cênicas e a outra metade, Educação Artística. Este número já foi bem maior. Até o ator B. de Paiva chegar para comandar o Conselho Diretor da Faculdade Brasileira de Teatro, a instituição atendia a 800 alunos. "Resolvemos reduzir este número" — garante Fátima — "para investir mais na qualidade do ensino. Deixamos de lado as opções Música, Cenografia e Direção Teatral e passamos a nos dedicar com todo empenho às Artes Cênicas e às Artes Plásticas". Só que

— admite — "estamos pensando em reabrir a opção Música, pois a procura tem sido muito grande".

A cada semestre, a FBT forma 70 profissionais. Sua diretora acredita que há colocação para todos no mercado de trabalho. Afinal, diz orgulhosa, "70% dos alunos diplomados pela FBT são aprovados no concurso da FEDF. E os que ao invés de *licenciatura* (que os prepara para o magistério) preferem o *bacharelado*, conseguem espaço nas produções teatrais da cidade". Fátima garante que "difícilmente chega, aos palcos brasileiros, montagem local que não conte com atores, técnicos ou diretores formados, ou em fase de formação, pelo Dulcina".

Na última segunda-feira, o diretor da FBT, B. de Paiva, foi o anfitrião de uma série de atividades que marcarão o reinício do ano letivo. Além de performances, debates e pequenas montagens teatrais, os alunos (calouros e veteranos) assistiram à aula inaugural proferida pela artista plástica e professora da USP Carmela Gross, premiada no salão Brasília de Artes Plásticas, em 1990.

Banco do Brasil — Nos últimos semestres, a FBT tornou-se palco do melhor teatro brasileiro já que, graças a um convênio com a Fundação Banco do Brasil, pôde mostrar peças como a *Nova Velha Estória*, de Antunes Filho; *Orlando e Cartas Portuguesas*, de Bia Lessa; *Escola de Bufões*,

de Moacyr Góes; *La Ronde*, de Ulisses Cruz, entre outras. "Nossos alunos" — testemunha Fátima — "puderam assistir a estes espetáculos e conhecer de perto seus criadores, através de palestras ou rápidos workshops".

O convênio com a Fundação Banco do Brasil está sendo repensado e Fátima torce por sua renovação. "De agora em diante" — promete — "vamos investir ainda mais em nossos alunos. Eles serão os maiores beneficiados pela visita de grandes grupos de outros Estados, pois estamos definindo melhor o alcance e duração de cada *workshop* com diretores e atores convidados".

Sede nova — Enquanto a FBT tira todas as vantagens possíveis de sua estratégica localização geográfica e de seu belo teatro, a UnB busca formas de mostrar à cidade "a excelência de seu curso".

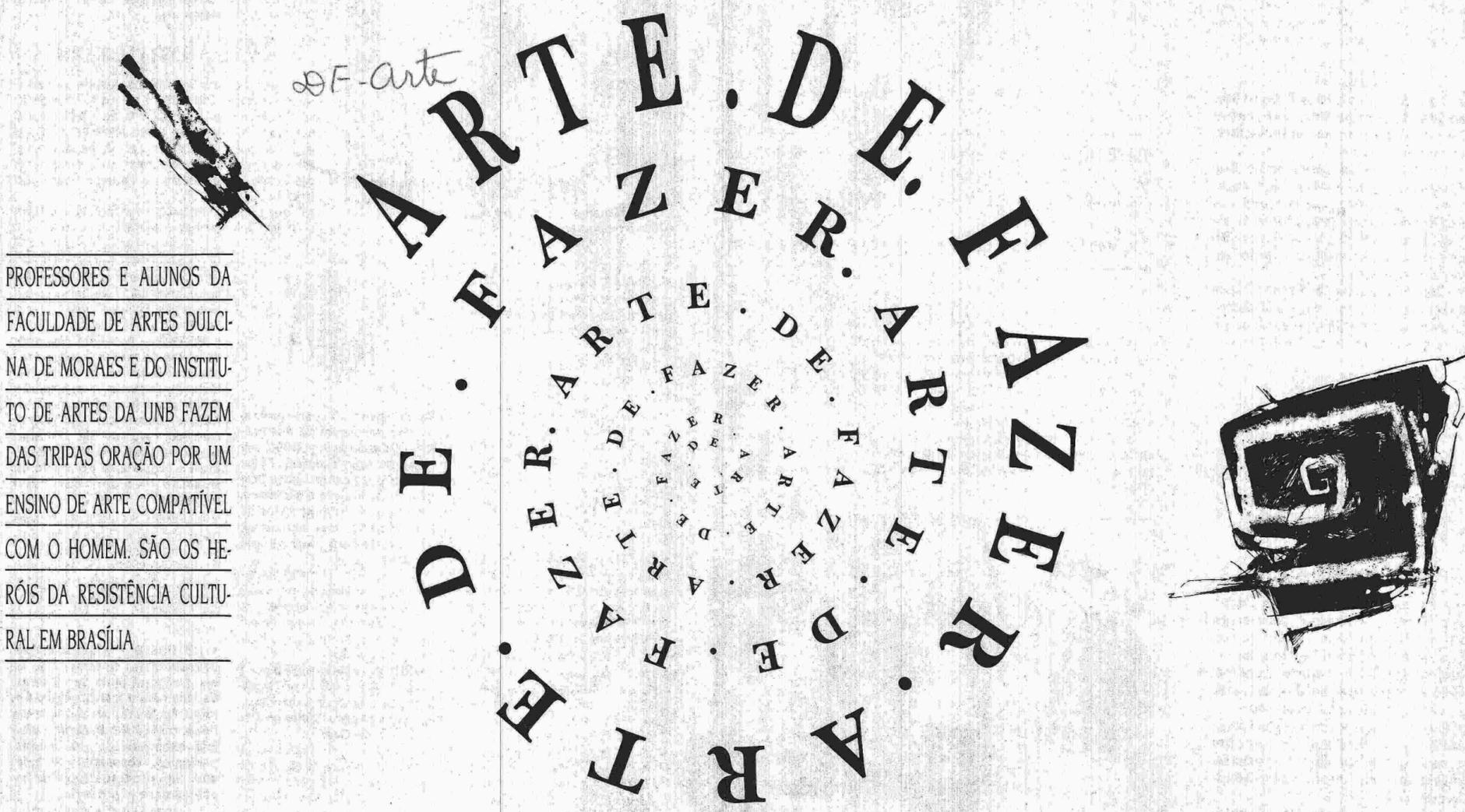
João Antônio, que está deixando temporariamente a direção do Departamento de Artes Cênicas para atuar no Decanato de Extensão (como diretor do Centro de Apoio a Programas e Atividades de Extensão), acredita em dias melhores. "Nosso curso é novo. Nasceu em outubro de 1988 e integra-se num dos mais respeitáveis institutos da UnB — o de Artes (em parceria com o Departamento de Música e o Departamento de Desenho). Ele vem formando alunos que se posicionam, sempre, nos pri-

meiros lugares do concurso da FEDF". Por enquanto, João só lamenta "a grave falta de recursos que vem afetando a universidade pública". É esta falta de recursos — garante — "que está atrasando a construção da nova sede do Instituto de Artes, resultado de magnífico projeto do arquiteto Cláudio Villar".

Como não dispõe da sede sonhada, o Instituto funciona precariamente em prédios da UnB dos primeiros anos. "Nossas instalações são muito acanhadas, mas vamos levando, na medida do possível" (veja box).

João Antônio se orgulha do time de professores de Artes Cênicas da UnB (13 ao todo, sendo nove titulares e três convidados). Além dele, os badalados Hugo Rodas, Eliana Carneiro (que neste momento faz curso de mestrado em Nova Iorque), Márcia Duarte e Luis Mendonça, ambos do Estandaço, e Fernando Villar animam a escola. Todos eles são figuras da linha de frente na produção cênica local. E mais Sílvia Davini, Jesus Vivas, Helena Barcelos, Ana Vicentini, Laís Aderne, Sérgio Sampaio e B. de Paiva (que está se aposentando).

A UnB recebe, a cada semestre, 40 alunos para a área de Educação Artística. Destes, uma média de cinco se dedicam ao bacharelado em Artes Cênicas. João acredita que o número está "em franco crescimento". Cada vez mais — assegura — "nosso curso se consolida e novos alunos nos procuram".



A nova cara do Instituto da UnB

A sede do novo Instituto de Artes, desenhada por Cláudio Villar, não contém um teatro. "Na verdade", diz João Antônio, "nós entendemos que o Teatro da UnB deve ser uma edificação integrada ao campus como um todo e não a um só instituto". Por isto, "a prioridade é construir nossa sede, que contará com um estúdio para produção e apresentação de espetáculos gerados pelos alunos". Depois virá o Teatro.

João Antônio garante que, até o fim do ano, será lançada a pedra fundamental do Instituto de Artes. E mais: "Com o advento da Lei Rouanet, que permite à universidade beneficiar-se com incentivos fiscais na área da produção cultural, tenho certeza que, dentro de alguns poucos anos, contaremos com nosso teatro e com um cinema".

Hoje, dois auditórios cumprem, precariamente, tais funções: o Dois Candangos, que se propõe a ser o cinema da Asa Norte (embora esteja com suas atividades paralisadas há muitos e muitos meses) e o Anfiteatro Oito, que foi equipado para abrigar montagens teatrais. "Nenhum deles — testemunha João Antônio — possui as qualidades técnicas necessárias ao pleno desempenho de suas funções".

Com a recente indicação do pianista Ney Salgado para a direção do Departamento de Música, João Antônio garante ser chegada a hora de mobilizar a comunidade universitária e a comunidade brasiliense (em especial os empresários) a colaborar na construção do teatro e do cinema da UnB. "Ney propôs, e estamos empenhados neste objetivo, campanha de arrecimação de recursos para construção de espaços que possam abrigar, com todo o conforto e qualificação técnica, atividades na área da dança, artes cênicas, concertos e recitais de música". (Hoje, a área musical é atendida no pequeno Auditório do Departamento de Música).

Enquanto os novos espaços físicos não chegam, nasce o Tucan (Teatro Universitário Candango), projeto que mobilizará forças de professores e alunos da UnB. O primeiro espetáculo — *Medéia*, sob comando de Fernando Villar — deverá estrear ainda neste semestre.

E vale registrar que, entre os sonhos de João Antônio, está a transferência do curso de Cinema da UnB do Departamento de Comunicação para o Instituto de Artes. (MRC)